



Pós Graduação em A Arte de Contar Histórias

Kallu Barbosa de Campos Whitaker

Orientação: Letícia Liesenfeld

Brincando em Serviço:

Reflexões de Arte-educação com Crianças.

Resumo: Esse artigo é fruto de questionamentos e reflexões de uma artista-educadora acerca de processos de educação para crianças. Questiona os procedimentos de educadores da infância. Estão realmente abertos a uma escuta em relação às crianças que estão com eles ou têm medo delas? Planejam detalhadamente cada encontro sem deixar espaço para criação mútua ou deixam o encontro acontecer? Tomando como ponto de partida a educação pela sensibilidade como propõe Maria Amélia Pereira, acredita-se na infância como um momento de pulsar de vida, no brincar como arte de conhecimento em si e fomento à bagagem de experiências, verdadeiras potencias do educador, como pontua Jorge Larossa. Assim é apresentado um caminho encontrado de procedimentos de arte-educação que dialogam com os estímulos trazidos pelas crianças.

Palavras chave: Arte-educação, Cultura da Infância, Brincar.

Lá vem o monstro-criança:

Gostaria de falar um pouco sobre educação. Mais especificamente sobre algumas práticas educacionais para crianças na primeira infância (0 a 7 anos), em dois espaços em que trabalhei como artista-educadora, um durante sete anos e outro por quatro anos.

Após cursar seis anos de um curso de licenciatura em Arte - Teatro e depois de visitar (trabalhando, dando formação ou conhecendo as práticas educacionais) muitos espaços e aparelhos educacionais como escolas municipais e estaduais, particulares e locais de cursos livres, percebo que o professor / educador costuma ter um medo desses seres que estão na frente deles: as crianças. Medo de escutá-las e de olhar para cada uma delas, gerando uma necessidade de controle.

As crianças são obrigadas a vestirem a mesma roupa, passarem a maior parte do tempo sentadas, em ambientes fechados, longe da natureza, escutando e seguindo comandos e vontades de um professor medroso. Não se pode brincar dentro da sala da maioria das escolas, porque vai gerar descontrole, não se dá mais tesouras ou tinta para elas aprenderem a cortar ou pintar porque, podem imaginar a falta de controle que é ter 30 ou mais crianças com uma tesoura na mão na sua frente? Então entrega-se tudo semi pronto, como se a criança não fosse capaz de fazer por si, como comida que a mãe começa a mastigar para seu filho. Buscando garantias de minizar as possibilidades de caos, tais práticas acabam gerando reflexos na educação da criança, o que abordarei um pouco mais adiante. É esse tal caos que traz um medo danado. Vejo muitas mães e pais com medo dele também. Controlando cada passo e movimento de seu/sua filh@ para que não instaurem o caos seja aonde for. E isso também tenho visto em espaços e cursos que se dizem mais “abertos” e prontos à receber e escutar cada criança que está ali.

Podemos começar pensando em uma educação pelo medo que se inicia por nossa família. É comum vermos pais e mães que mantêm os filhos dentro de casa, algumas vezes dentro de um espaço gradeado (chiqueirinhos e afins) para que não corram nenhum risco. Crianças que crescem ouvindo: “Não vai pra lá que é perigoso”, “Se você não fizer isso seu pai vai brigar com você”, “Cuidado! Volta aqui!” ou qualquer uma dessas afirmações que surgem a partir do cuidado, porém em tom de pânico ou repletas de ameaças.

Esse é o cenário onde crescem os futuros educadores. Em uma casa ou em uma escola que não têm espaço apropriado para esse ser humano crescer e se desenvolver com a vontade e liberdade de ser criança. O que chamo de espaço apropriado são locais estruturados a favor da infância, em que as crianças possam circular com liberdade, tranquilidade e segurança para assim irem se tornando confiantes em si. Numa cidade, quais são os espaços pensados para

crianças? Uma mãe que sai de casa com seu bebê mal encontra lugares para trocar a fralda deles, por exemplo, sem contar que normalmente utiliza transporte público (não raro lotado e sem lugar para sentar...), nem as calçadas que seriam bons lugares para andar com os carrinhos de bebês são aptas a tal finalidade. E as crianças maiores, conseguem brincar livremente e em segurança numa praça arrodada de avenidas?

Vejo que o olhar para a infância está se transformando no decorrer do tempo, pensando na época em que as crianças eram vistas como mini adultos e mal havia estudos sobre a infância. Hoje já é nítida a necessidade de que haja espaços para brincar, locais propícios para isso (já que cada vez menos temos quintal ou ruas seguras...), e noto que muitas iniciativas nesse sentido têm “pipocado” aqui e ali, como na cidade de São Paulo por exemplo.

Os pais então têm colocado seus/suas filh@s em cursos de/para brincar, para suprirem essa necessidade de se expressarem livremente, de serem crianças como são e estão, cheias de vida e potencialidades de descobertas. Porém percebo que esses espaços também não estão tão abertos e preparados para receberem essa vida que pulsa viva e livre dentro de cada criança.

Os educadores desses espaços também carregam esse medo do caos e descontrole! E para isso não acontecer, planejam rigidamente, por exemplo, esse tempo-espaco-momento de brincar da criança, “tintin por tintin”, escolhendo a sequencia de cada brincadeira que vão fazer, a hora que elas começam e terminam. E o livre brincar? Será que as crianças não sabem mais brincar e precisam de estímulos e orientações o tempo todo?

Claro que não se trata somente de medo que os faz planejar cada atividade e nem o fato de quererem ter controle dentro de uma sala de aula. Planejamento não é algo ruim! O que questiono é quando ele se torna algo rígido e fechado. Sendo mãe percebi que uma criança necessita da atenção total de um adulto, de uma presença que já é difícil de ter com 1 só, imagina com 30 ou mais crianças ao mesmo tempo. Como fazer então?

Não tenho a fórmula mágica e nem pretendo ter, porém sinto que a educação se distanciou das coisas da vida, das experiências do dia a dia, do sensível, de coisas até muito simples. As escolas têm preparado as crianças para as provas e não para a vida, o que coloca os professores numa posição de donos de saberes, grandiosos, como “semi deuses” algumas vezes. E nós, meros seres humanos cheios de acertos e erros, quando queremos nos tornar educadores muitas vezes acabamos deixando de acreditar e olhar para nossas experiências de vida, para as coisas que carregamos e para o ser que está ali na nossa frente, seja criança ou adulto, que podemos trocar e aprender muito com eles!

Por essa vontade de controle ser tanta, sinto que esses lugares da educação da primeira infância (seja em casa ou onde for), algumas vezes não estão abertos às suas necessidades, à

real troca, ou seja, a olhar para aquelas crianças que estão naquele momento ali, com a presença, escuta e coração abertos. Com um molde rígido dado ou planejado, o educador automaticamente se fecha em suas próprias ideias de necessidades para as crianças e perde com as outras tantas possibilidades que possam surgir com a troca do encontro. Como J. Larrosa coloca, muitas coisas se passam, mas o que realmente acontece? O que realmente toca, transforma, afeta de algum modo aquele educador?

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002,p.5)

Pois é... Parar. Parar, em um momento em que o mundo parece não ter mais tempo para isso. Será que dá? Mas se não pararmos para fazer uma educação com mais qualidade e atenção nesse momento da infância, quem será esse humano do futuro? Sobre o tempo poderia escrever outro artigo inteiro, quem sabe em outra ocasião.

O que tenho percebido é que muitas dessas crianças que frequentam tais espaços de brincar, geralmente já crescem sem tempo livre. Vão de um curso para outro e não raro têm responsabilidades de adulto dentro de casa, pois seus pais trabalham e não têm tempo para ficar com el@s. E então se deparam com um educador que também não tem tempo (ou não usa seu tempo para isso) para ouvir ou simplesmente proporcionar tempo-espço para aquelas crianças.

E tudo vira uma “bola de neve”: famílias sem tempo para escutar mais devagar, de parar, de dar-se tempo e espaço, deixam seus/suas filh@s com educador@s que também estão na mesma situação. Assim as crianças vão crescendo e imitando essa realidade.

Mas como fazer diferente do que aprendemos?

Conhecendo as crianças e gerando inquietações:

O medo foi, afinal, o mestre que mais me fez desaprender. Mia Couto

Reflico isso nas minhas práticas como artista-educadora.

Trabalhei em dois espaços de ensino extracurricular cujo foco é o brincar, a Cultura da Infância, lugares que proporcionam que as crianças brinquem com inteireza e liberdade e

criem seus próprios saberes e culturas. Nos dois, são cerca de 15 crianças de faixa-etária diversa, acompanhadas por dois educadores que objetivam oferecer mais de uma referência de adulto a fim de que os pequenos possam aprender com os grandes e vice e versa. Porém, num dos espaços o planejamento é realizado nos mínimos detalhes, e no outro não há planejamento prévio sobre a sequência das atividades (a seguir explico um pouco sobre isso), o que os tornam projetos bem diferentes, quase antagônicos.

Não vem ao caso aqui dar nomes aos espaços e projetos. Minha intenção é apenas refletir sobre algumas inquietações que caminhavam comigo ao trabalhar em ambos os espaços. São dois projetos que me moveram muito como artista-educadora e que muitas vezes me faziam entrar em conflitos e debates em relação à criança (principalmente na primeira infância) e nas maneiras de proporcionar esse momento de liberdade e brincadeira para elas. Entendo que são espaços com propostas diferentes, mas a artista-educadora era a mesma, em busca de libertar medos, de ter experiências mais reais e de trabalhar com a troca e liberdade, pulsando em ambos lugares.

No espaço X, os educadores acreditavam que deveríamos partir de um ponto para se chegar a outro. Para isso, usávamos uma narrativa para ser fio-condutora das brincadeiras pensadas para aquele dia e contexto, um planejamento detalhado a ser seguido. No outro espaço, aqui colocado como Y, o que interessava mais era o processo e não o chegar num outro ponto. O importante era ouvir e ver cada criança que estava ali e o que ela nos trazia, por isso não havia nada planejado a ser seguido, apesar disso eram feitas reuniões semanais entre os artistas-educadores e coordenadores do projeto para olharmos atentamente a cada turma com suas particulares situações.

Primeiro comecei a trabalhar no espaço X onde aprendi muito e pude criar um vasto repertório de narrativas, brincadeiras e canções. E quando comecei a trabalhar no espaço Y, lembro de ir apavorada por não ter planejado o que iria acontecer. Pensava: “as crianças vão chegar esperando que eu traga propostas e eu não vou levar nada? E aí? Como vai ser? Serei péssima educadora! Como chego lá e falo: não sei o que faremos hoje, não planejei nada! Isso é ser educador? Estou sendo paga para isso?”.

Acho que estava ali o meu medo como educadora. Como ficar de frente para as crianças e não ter proposta alguma? Me sentia um pouco irresponsável.

Com o tempo e convívio nesse projeto com outra artista-educadora fui me transformando. Agradeço muito a ela, Beatriz Aranha Coelho, que me fez perceber que carregamos muita coisa dentro de nós. Que nossas experiências e bagagens são riquíssimas e já são um tanto de coisas para estarmos abertas e disponíveis à escuta para que assim o encontro possa simplesmente acontecer!

Comecei a entender que minha bagagem como pessoa, artista, educadora, ou o que fosse, já era uma preparação para os encontros que eu ministrava e isso não era desleixo. Ir assistir a um espetáculo, ler um livro, uma conversa com alguém ou o que estava me acontecendo internamente, me tocando naquele momento, por exemplo, poderiam ser inspirações para os encontros com as crianças naquela semana. O que precisava era estar inteira a esses seres que são cheios de criatividade e que me traziam estímulos suficientes não só para aquele encontro, mas para muitos outros.

Nós, artistas-educadores desse projeto, precisávamos estar com uma presença atenta para com as crianças e entre nós também, para fazer o encontro acontecer pelos estímulos dados por elas e nosso olhar sensível como artistas, cada um com suas bagagens e experiências. Isso se dava principalmente pela escuta. Um dia, por exemplo, as crianças brincavam no sol e começaram a fazer sombras, tocando a artista-educadora que me acompanhava naquele dia e fazendo com que ela propusesse que contornássemos as sombras em uma folha. O fim da brincadeira culminou naturalmente num teatro de sombras.

Era isso! Estar atenta ao que as crianças traziam naquele momento e pensar nas possibilidades de aprofundar suas experimentações, relacionando com minhas experiências, aprendizados da vida e com toda aquela bagagem que carrego. Essa, aliás, que vai sendo alimentada a cada encontro, com as novas brincadeiras que aprendo com as crianças, com a simples observação de como elas se relacionam com inteireza em tudo que fazem, nas artes propostas pelos outros amigos artistas, enfim...

Para mim isso foi uma grande transformação e com isso começou a ser conflituoso trabalhar nos dois espaços ao mesmo tempo. Começou a ser difícil planejar tão rigorosamente um encontro com as crianças e segui-lo ao pé da letra como as educadoras do espaço X tinham necessidade.

Algumas vezes estava num encontro no espaço X, seguindo a narrativa que havíamos pensado, mas uma criança me trazia um estímulo que poderia encaminhar outro rumo à narrativa. Outras vezes, ainda, estávamos em uma brincadeira que poderia durar muito tempo, pois as crianças estavam envolvidíssimas, mas isso não acontecia, pois “precisávamos” chegar ao final da história e realizar as outras brincadeiras que havíamos planejado.

Muitas vezes dialoguei com as educadoras desse espaço propondo para que pudssemos afrouxar esse planejamento caso o encontro pedisse. Elas até concordavam, mas na prática não acontecia.

A ausência de conhecimento, e mesmo de uma literatura que reconheça a existência de uma cultura da criança, contribui para as distorções a que assistimos na maioria das instituições que lidam com educação infantil. A

maneira brincante de se apropriar do mundo e conhecer a si próprio não pertence ao sistema da lógica, presente na linearidade das programações elaboradas para um espaço seriado por idade cronológica. Ela pertence a uma inteligência interna, não lógica e qualquer tentativa de externalizá-la no papel e, em programas detalhados, se transforma imediatamente numa rotina vazia, sem significado expressivo e representativo, o que caracteriza hoje um grande número de ações ditas pedagógicas. (PEREIRA, 2013, p. 54)

Fui entendendo que cada projeto tinha suas características próprias e pedia uma artista-educadora diferente da outra. Eu, porém, sendo a mesma, não seguia tranquila com essa ambivalência, mas como acredito na potência de cada um dos projetos e como gosto muito de estar com as crianças, focava nas possibilidades de transformação a fim de estar inteira junto na relação com as crianças, aprendendo que a educação acontece ali, nessa troca.

Planejando para desplanejar:

Assim minhas práticas educacionais se tornaram uma mistura dessas duas coisas. Hoje quando vou dar uma oficina, planejo o que quero fazer e o que quero com essa oficina, mas o que vai acontecer na prática, realmente ali na hora, não sei exatamente o que é. Digo que levo algumas possibilidades do que posso acessar (brincadeiras, histórias, jogos teatrais, artes...) e a vontade de olhar e escutar as crianças (ou adultos) que estão comigo naquele encontro. Normalmente uma narrativa vem junto também, mas será que todas histórias têm que ter começo, meio e fim, linearmente todas as vezes?

Em casos de oficinas pontuais (que podem acabar sendo uma vez só naquele espaço), previamente, penso, por exemplo, em um tema para que o encontro se desenrole a partir dele, penso nas histórias que conheço (ou que posso pesquisar) que tenham ressonância com o tema e em possíveis brincadeiras que possam compor. Será que nesse tema cabem algumas ações artísticas, como uma cena, ou desenho e/ou algo relacionado a natureza, como mexer com a terra, plantar uma semente? Que crianças, ou adultos estarão comigo? Quantos anos têm? Como é a estrutura do lugar que o encontro irá acontecer?

Tudo isso pensado, chega o momento do encontro e eu chego com essas várias possibilidades que pensei. Mas é somente ali, na hora, frente a frente com aquelas crianças, através das conversas e trocas com elas que a narrativa do encontro (ele em si) vai sendo criada. Como assim? Se por exemplo estou contando uma história que tem um bicho e uma criança me diz que aquele bicho é um passarinho, então já pergunto se alguém sabe uma

musica de passarinho e mesclo com alguma brincadeira de voar e assim vamos voando pelo encontro.

Já quando estou com uma turma regularmente, tanto o planejamento quanto o próprio encontro podem acontecer tais quais as oficinas, como acima descritas, porém não temo chegar sem ser ter pré-planejado aquele momento. Então chego aberta a observar as necessidades deles naquele dia, pergunto se há alguma brincadeira que querem fazer, se querem ou não ouvir uma história e a partir das respostas deles o encontro vai se desenrolando. Sempre tem o que fazer, pois as crianças são um poço de criatividade e o livre brincar já é tudo e pode ser justamente ali o maior espaço de aprendizagem!

Não que isso seja algo tão fácil assim, pois eu também fui criada por uma educação pelo medo e carrego um tanto dele em mim!

Recentemente iniciei um trabalho em uma escola que a principio me propôs para fazer atividades com as crianças de 2 a 5 anos. Em casa pensei o que poderia fazer com elas e logo me veio uma narrativa. Já sabendo a história que iria contar, resolvi não planejar detalhadamente quais brincadeiras iria fazer, afinal ainda nem conhecia as crianças que iriam brincar comigo. Chegando lá, a diretora diz que repensou e que gostaria que eu trabalhasse com todas as turmas daquele período da escola, que seriam crianças de 2 a **10** anos começando naquele mesmo dia. Eu aceitei o desafio. Entre a turma dos menores e os maiores tive um intervalo, cerca de 45 minutos que passei quebrando a cabeça. “O que eu ia fazer com esses grandes? Afinal eu não planejei nada para eles, só para os pequenos e não dá para contar a mesma história para todas as faixas etárias...”.

“AHA”, fui pega de novo pelo “monstro”! Como assim, tem idade certa para ouvir história? Uma mesma história não pode ser narrada para crianças e adultos, por exemplo? E já não aprendi que o encontro se dá pela abertura e presença com as crianças?

Pois é... depois de cerca de 30 min pensando, cheia de medos, me sentindo sem nada para compartilhar, resolvi levantar e observar as crianças que em breve iriam iniciar um trabalho comigo e que naquele instante brincavam no recreio. Dei uma volta e percebi que afinal das contas elas são crianças e adoram brincar! Ri de mim mesma e da situação e, no final do recreio, tivemos momentos de muita partilha, brincadeiras, risadas, tudo inspirada naquela mesma história que narrei para as crianças de 2 anos e sem ter escolhido cada detalhe do encontro.

Em meio a todas as duvidas que ainda tenho e aos caminhos que quero percorrer e aprender, esse modo de fazer que estou construindo parte de narrativas, artes (musicas, versos, teatros, pinturas...) e da lembrança da menina que fui, das brincadeiras que até hoje

gosto de brincar e de um simples agachamento que me faz ficar da altura da criança, permitindo que assim consiga olhar bem nos olhos dela.

Como já disse acima, não venho aqui propor fórmulas mágicas e sim repensar algumas práticas educacionais. Assim como exemplificado, sinto o que me faz feliz como educadora, mas como podem ver, de maneira alguma escapo ao exercício diário de atenção! Penso também que cada criança é uma, e a mesma forma de encontro pode ser ótima para algumas e não para outras. Assim como cada educador também é um, alguns podem preferir mais a ordem outros a liberdade, enfim...

Sinto que a questão está em entendermos que a educação é a própria vida, o próprio encontro entre educador e criança, entre mãe e filh@, entre dois seres, de igual para igual. Em tirar essa expectativa de que o educador é o dono dos saberes. Isso gera autonomia nas crianças em propor algo, despropor, desorganizar e organizar depois, resolverem seus próprios conflitos, terem espaço para falar e serem escutados, entendendo que todos aprendem juntos e que o adulto que está ali tem outras experiências de vida para trocar!

Claro que não nego a importância do adulto da educação de uma criança! Não estou propondo uma educação sem a presença de adultos! As crianças precisam sim de um “norte” dos adultos, de organização, limites, contornos, de entender alguns princípios da vida a partir de um adulto como referência e exemplo. O que questiono aqui é o extremo onde as crianças são muitas vezes diminuídas, vistas sem nenhum saber ou possibilidades de co-criar um encontro junto com algum(a) educador(a).

Se eu pudesse, transformaria toda essa ideia de educação de passar saberes para as crianças e criaria espaços onde elas realmente vivenciaríamos experiências umas com as outras, com os adultos ali presentes (intervindo nos momentos exatos e necessários). Sinto segurança de que as crianças certamente aprenderiam tudo que necessitam dessa maneira, e nós também!

Uma proposta pode ser o que Claudio Saiani (2004) no texto *O valor do conhecimento tácito: A epistemologia de Michael Polanyi na escola* sugere:

A própria aula pode servir como um laboratório de criação do conhecimento, servindo como centro irradiador de uma nova concepção do conhecimento. E para isso, o professor pode começar por se perguntar se busca em seu trabalho as cinco condições expostas abaixo para que ocorra a espiral do conhecimento:

- Tem ele a intenção de desenvolver o conhecimento pessoal dos alunos, ou contenta-se em ser um transmissor de conhecimentos?

- Cultiva sua própria autonomia e respeita a autonomia dos estudantes, ou conforma-se a permanecer amarrado a um círculo padronizado, aceitando dos alunos um único modo de aprender e de demonstrar que aprendeu?
- Admite e procura a flutuação e o caos criativo, ou apavora-se diante de qualquer quebra da rotina?
- Como lida com a redundância representada pelas mesmas perguntas, ano após ano, turma após turma?
- Procura desenvolver uma variedade de habilidades e estratégias, capazes de lidar com as diferenças demandadas de seus alunos, vistos como pessoas com expectativas, habilidades e aptidões diversas?

Tenho tentado criar diálogo direto e sincero com as crianças nos espaços que vou, mas sinto que é um trabalho de formiguinha, pois já existe um costume instaurado nelas de que tudo o que o professor, mãe ou pai ou educador propõem é chato, até mesmo brincar ou não fazer nada!

O que sinto é que perdemos, além da escuta sensível em relação às crianças, a confiança no campo de energia que se instaura no encontro com elas e em sua autonomia. Passamos a entender a educação como trânsito de informações (e não de fomento ao saber) em modelos a serem seguidos através de um único modo de aprendizado em que todas as crianças devem se encaixar. Olhamos para elas como “coitadas sem saberes”, como se não tivessem capacidade de aprender por si só. Viramos adultos e esquecemos de nossa criança interna e eterna e de como o ato de brincar já é tudo.

A dimensão sensível da educação surge com a desobstrução dos canais de observação, até então permeados por uma ciência positivista que, além de fragmentar o conhecimento reduzindo o indivíduo a um mero objeto a ser conhecido, exclui de sua análise a dimensão subjetiva como elemento essencial de qualquer abordagem sobre o ser humano. (PEREIRA, 2013, p.33)

É preciso ter mais coragem na educação. COR-AGEM: a ação do coração. Agir com o coração. Lembrar que brincar vem de “vinculum” que significa: criar vínculo. Nos permitir criar laços com a infância daquelas crianças que estão com a gente, as vezes simplesmente parando para observar e entendendo que menos pode ser mais ou transformando aquele planejamento proposto para aquele encontro...

Será que sou profissional? Nessa questão já não caio mais! Após muitos encontros com crianças, percebi que o caminho não tem como ser outro, que dar voz às crianças transforma e recria o futuro do planeta. É algo que parece simples, e é, e que se confirma na felicidade das

crianças quando chega a hora de nosso encontro e quando a família me retorna dizendo o quanto que seus/suas filh@s voltam felizes e transformad@s. Fiquei mais confiante de que posso brincar em serviço, que aliás esse é o grande material de trabalho em si, e não antiprofissionalismo, inocência, infantilidade ou qualquer outra coisa. Então a cada encontro, coloco uma roupa confortável, que possa voltar “suja” de terra, tinta, ou qualquer outra coisa, pego meu pandeiro, muita energia para brincar e vou de encontro com as crianças, pronta para agachar e ficar da altura delas.

Como mãe... isso daria um capítulo a parte, mas digo que o exercício de auto reeducação é constante e compartilho com um pequeno mestre, percebendo que o desenvolvimento dele se dá naturalmente, como a própria natureza, no tempo e aprendizados dele e não como eu gostaria que fosse. Aprendo o descontrole, a não temer a fluidez da vida e a olhar para a rotina do dia a dia como uma nova brincadeira sempre.

Como disse Walter Benjamin: “Pois é a brincadeira, e nada mais, que está na origem de todos os hábitos. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se, devem ser inculcados no pequeno ser através de brincadeiras, acompanhadas pelo ritmo de versos e canções. É da brincadeira que nasce o hábito, e mesmo em sua forma mais rígida o hábito conserva até o fim alguns resíduos da brincadeira”.

Sábios são os indígenas que crescem e nunca param de brincar!

Tivesse medo? O medo da confusão das coisas, no mover desses futuros, que tudo é desordem. E, enquanto houver no mundo um vivente medroso, um menino tremor, todos perigam - o contagioso. Mas ninguém tem a licença de fazer medo nos outros, ninguém tenha. O maior direito que é meu - o que quero e sobrequero -: é que ninguém tem o direito de fazer medo em mim.
Guimarães Rosa

Referências bibliográficas:

- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica. Arte e Política*. Campinas: Ed Brasiliense, 1985.
- BERTALOT, Leonore. *Viver com crianças*. Botucatu: elo, 2001.
- BURKHARD, Gudrun. *Tomar a vida nas próprias mãos*. São Paulo: Antroposófica, 2000.
- COUTO, Mia. *Murar o medo*. Texto encontrado em: <https://farofafilosofica.com/2018/02/14/murar-o-medo-por-mia-couto-texto-em-pdf-video/>
- CRUZ, Maria Cristina Meirelles Toledo. *Para uma Educação da Sensibilidade: a experiência da Casa Redonda Centro de Estudos*. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Artes Plásticas). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- FRIEDMANN, Adriana. *O papel do Brincar na cultura contemporânea*. Disponível em: http://territoriobrinca.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Adriana_Friedmann_O_papel_do_brinca_na_cultura_contemporanea.pdf
- _____. *Encontros de natureza e culturas infantis*. Disponível em: <http://territoriobrinca.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Crian%C3%A7as-de-%C3%A1reas-rurais.pdf>
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens - O jogo como Elemento da Cultura*. São Paulo, Universidade de São Paulo e Perspectiva, 1971
- LAROSSA, Jorge. (2002) *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>.
- MACHADO, Marina M.. *O brinquedo-sucata e a criança*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- MEIRELLES, Renata. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.
- SAIANI, Claudio. *O valor do conhecimento tácito: A epistemologia de Michael Polanyi na escola*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004 – (Coleção ensaios transversais). Editora Livre, 2013.